



Polyanna, frequentadora da noite GLS: público misto

A ferveção **GLS da noite** brasiliense começa na quarta, nos barzinhos **espalhados** pelo **Plano Piloto** e por Taguatinga. Mas é na sexta que tudo **"bomba"** até as 7h

As cores do arco-íris



O Censo de 2010 constatou que o DF é a segunda unidade da Federação em que mais casais que se declaram homoafetivos. São 1.230 pessoas. O primeiro estado é o Rio

MARIANNA RIOS
ESPECIAL PARA O CORREIO

O estreante estava ansioso — como será a noite numa boate GLS? Queria saber como as pessoas se comportam, que tipo de música vai tocar. Bastou entrar na casa para verificar que, numa primeira impressão, era uma boate como outra qualquer: música alta, muitas luzes, burburinhos e muita gente na pista de dança. Jackson Rodrigues decidiu comemorar o aniversário de 18 anos experimentando, pela primeira vez, a tão esperada dança, beber e beijar na boca, é claro", diz, logo ao entrar. "Sinto muita liberdade. Esse é o momento que posso conviver com pessoas das quais gosto e um lugar onde não sofro preconceito." Para muitos outros Jacksons, a boate destinada ao público de gays, lésbicas e simpatizantes é o



Quarta-feira
- WoW, no Velvet Pub (102 Norte). De R\$ 10 a R\$ 15

- Quarta Devassa com SaiaBamba, no Bar do Calaf (Setor Bancário Sul). Entrada custa R\$ 10

Quinta-feira
- Oficina Club (SOF Sul). De R\$ 15 a R\$ 35

- Festa Victoria Haus (SAAN). De R\$ 10 a R\$ 30

território preferido para o primeiro passo fora do armário. Ao contrário do que pode imaginar quem nunca se atreveu a conhecer o ambiente GLS, ele é o mais misto possível. Seja no barzinho, no pub ou na boate, o que se vê é um caldo democrático e sem limite de idade de solteiros, casais, gays, héteros, tímidos e espalhafatosos. A sensação é a de que ali o território lhes pertence.

Nada anormal para uma capital que se mostra cada vez mais tolerante com a pluralidade da população. O Censo de 2010 não deixa dúvidas. O DF foi a segunda unidade da Federação com mais casais que se declararam homoafetivos. São 1.230 pessoas, representando 0,048% da população local, atrás somente do Rio de Janeiro.

E a noite reflete, sem dúvidas, a conquista da dignidade desse público. A programação começa na quarta-feira, com a festa de música pop WoW, no Velvet Pub, e a Quarta Devassa, com

show do grupo de samba Saia-Bamba no Bar do Calaf. Na quinta, a festa Kinda e as boates Oficina Club e Victoria Haus abrem as portas para os mais empolgados. Quando chega sexta, a cena ferve com a festa fixa Let's Club. O fim de semana também não para.

A origem de tanta balada começou no final dos anos 1970, em plena ditadura militar, com a inauguração da primeira boate GLS de Brasília pelo servidor público Oswaldo Gessner. A Aquarius ficava no Conic e já contava com performances de transformistas. Em seguida, passou a se chamar New Aquarius e virou point de celebridades candangas, como Renato Russo, Cássia Eller e Dinho Ouro Preto, até seus últimos dias, em 1998.

Quem acompanhou de perto o início de tudo foi a administradora Polyanna Lima, 41 anos, frequentadora desde os 24 da noite GLS da capital. "A Aquarius era o gueto, ficava embaixo do Conic, tínhamos



Sexta-feira
- Espaço Galleria (Conic). De R\$ 10 a 20

- Lets Club, no Victoria Haus (SAAN). De R\$ 10 a R\$ 30

- Festa na Oficina Club (SOF Sul). De R\$ 15 a R\$ 35

Sábado
- Espaço Galleria (Conic). De R\$ 10 a R\$ 20
- Dsire, no Victoria Haus (SAAN).

até medo, mas como não havia outras opções, a gente ia." Ela conta que, à época, as festas eram às escondidas. "Eu já ia com aquele receio, sentia vergonha porque existia muito preconceito. Mas, chegando lá, lembro que só tinha público gay e me sentia no meu ambiente", recorda-se.

Aos poucos, outras festas temáticas e casas noturnas surgiram, a exemplo da Ópera, na QI 11 do Lago Sul — que depois passou a se chamar Escaramucho —, a Garagem, no Setor de Oficinas Sul, a Kadilac, no Setor Hoteleiro Sul, a Pride e a Wlöd Club, ambas no SIA, e o Espaço Galleria — que substituiu a New Aquarius.

Com a popularização das festas, as principais mudanças foram a quebra do preconceito e a ida de heterossexuais. "Muitos héteros ficam nos olhando e isso me deixa constrangida — mas, quando estou no meu ambiente, são eles que têm de se adequar", ressalta Polyanna.

Para chegar ao padrão atual das festas, os produtores percorreram três décadas. E foi a Galleria, carregando o passado vanguardista da Aquarius, que inovou a cara da balada gay da cidade, no início dos anos 2000. O DJ e produtor de festas GLS Fernando Cunha, 30 anos, trabalha na noite da capital há 12 e participou da revitalização da casa, há oito. Ele conta que o Galleria impôs novas tendências às festas, que deixaram de tocar rock, dance e disco music para discotecar música pop e eletrônica, passaram a ter público mais jovem, entre 18 e 25 anos, e largaram o estigma de eventos underground para atrair grandes massas.

"Há cinco anos, vivemos o boom da cultura pop e foi quando o estilo tomou conta das casas maiores. Isso refletiu, inclusive, na abertura de diversos espaços e na própria revitalização do Galleria, que foi a primeira boate de Brasília a incorporar essa cultura", observa Cunha.